

**Notas da Assembleia de Escola de Comunidade
com Davide Prospero e S. Ex.^a Rev. Dom Filippo Santoro
por videoconferência de Milão, 8 de junho de 2022**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 7-85.

Filippo Santoro

Antes de começar, vamos rezar uma *Ave Maria* e fazer um canto a Nossa Senhora pedindo pelos mártires da Nigéria: foram 21 mártires (entre os quais crianças), além de outros 200 feridos na Catedral de Owo, durante a Missa de Pentecostes. São mártires *in odium fidei* (por ódio de fé), morreram porque eram cristãos; é um fato desvalorizado pela imprensa internacional, mas para nós é um testemunho do que significa viver a fé integralmente, reconhecendo Cristo como vida da vida.

*Ave Maria
Veni, Sancte Spiritus*

E agora cantemos *Miraculosa*, porque a paz é verdadeiramente um dom e um milagre.

- *Miraculosa*

Davide Prospero

Boa noite. Esta noite encontramos-nos depois de alguns meses nos quais, entre outras coisas, vivemos também os Exercícios da Fraternidade que – como sabemos – foram muito úteis para o nosso caminho deste período, tanto que em muitas das perguntas que chegaram podemos ver também a reflexão sobre os passos que foram indicados e marcados por este gesto. O trabalho de Escola de Comunidade gerou muitas perguntas, que agrupamos. Esta noite, responderemos a algumas que são exemplificativas, e abordam as passagens fundamentais da parte do texto de Escola de Comunidade sobre a qual trabalhamos. Nas contribuições é visível o fruto do trabalho nas comunidades e do trabalho pessoal de dedicar dez minutos por dia à Escola de Comunidade, seguindo o convite que Dom Filippo nos fez (mais do que um convite, foi um testemunho pessoal seu!). Houve muitos que levaram esse convite a sério e julgo que produziu, que está começando a produzir frutos nos lugares em que foi feito com fidelidade. Esta noite vamos começar a entrar em algumas das questões que surgiram.

Há uma primeira pergunta (que é como que uma premissa de todas as outras), que diz respeito ao fato de que em muitos casos nos sentimos um pouco perdidos, porque foram levantadas questões sobre o texto da Escola de Comunidade de compreensão, não apenas lexical, mas do conteúdo da experiência que está por trás das palavras que Dom Giussani nos comunicou neste texto. É a primeira vez que pegamos neste texto depois de terem se passado tantos anos, tanto quem não viveu os Exercícios da Fraternidade de 1997, como quem participou deles (julgo que a maioria já deve tê-los esquecido). Esbarramos numa situação inédita, que fez surgir de forma mais dramática esta pergunta: «Como é possível fazer Escola de Comunidade sem reduzi-la a uma teoria ou a uma interpretação nossa?». Pergunto, então, a Dom Filippo se pode começar respondendo a esta pergunta, que é uma questão mais geral, de método.

Dom Filippo

Boa noite a todos aqui presentes e a todos aqueles que nos seguem das várias partes do mundo. Recebemos cerca de 80/90 perguntas e, por isso, foi difícil conseguir fazer uma síntese; porém, identificamos os pontos fundamentais.

A pergunta sobre a dificuldade do texto é uma pergunta fundamental e faz-nos realmente perceber que a Escola de Comunidade é efetivamente uma escola, e numa escola não se repetem sempre as

mesmas coisas, há aspectos em que se aprofunda um conteúdo. Dom Giussani quis justamente isso: em vez de fazer uma comunicação de improviso, como sempre tinha feito, preferiu propor um texto meditado, refletido, denso, que deve ser aprendido, e por isso nos convida a fazer um trabalho pessoal. Numa escola não se repetem sempre as mesmas coisas, numa escola há sempre algo de novo a descobrir, e isso exige um trabalho pessoal e comunitário. Este texto da Escola de Comunidade exigiu um verdadeiro trabalho.

Há testemunhos que nos dizem como foi vivida esta maneira de fazer o trabalho: é como se tivesse sido dado um passo adiante no nível do conhecimento e no nível da afeição. Assim, o texto de Dom Giussani amplia o conhecimento e nos introduz a uma experiência, não a uma repetição de coisas que sabemos teoricamente, mas a coisas conhecidas por experiência; e também a viver uma dinâmica da afeição, da ligação, da experiência daquilo que meditávamos. Para mim também, depois de ter apresentado o texto procurando ser o mais sintético e simples possível (fazer uma coisa simples e sintética foi um trabalho duro, não foi brincadeira!). É mesmo assim: quando assimilamos, cresce o conhecimento, cresce a afeição. Gostaria de partir de três testemunhos que descrevem este itinerário.

«Queria contar como foi o percurso deste ano da Escola de Comunidade [e em especial das últimas Escolas de Comunidade]. A princípio, quando chegou o livro novo, ficamos todos entusiasmados com o título: *Dar a vida pela obra de Outro*. Pensamos: “Finalmente, vamos ler o que devemos fazer para gastar a nossa vida construindo a obra de Deus [o que devemos fazer!]”. O impacto com o conteúdo nos desestabilizou muito. Vimo-nos, de repente, diante de um texto difícil que nos obrigou a um trabalho intenso. Lembro-me de Escolas de Comunidade em que líamos linha por linha [já é um trabalho diligente!] tentando entender e tornar nosso aquilo que Dom Gius nos dizia. Descobrimo-nos distantes (na experiência) do que pensávamos já possuir. Claro, nós sabemos que Deus é tudo em tudo e Cristo é tudo em todos, mas ainda assim sentimos uma discrepância, quase uma distância daquilo que a Escola de Comunidade dizia. É como se precisássemos recomeçar do zero, tentando tornar novamente nosso um juízo que pensávamos já possuir [*já sei*, se diz no Brasil: *já sei isto*, no entanto, é como refazer um caminho]. A coisa mais espantosa neste trabalho é que, apesar da nossa total incapacidade de compreensão e de traduzir na experiência o que líamos, um grande número de novas famílias jovens se aproximaram de nós. A certa altura ficou evidente que aquele lugar [o lugar do trabalho, o lugar comunitário do trabalho] era mais do que a soma dos fatores que cada um de nós conseguia trazer, era misteriosamente reconhecido um fascínio que, evidentemente, não era produzido por nós».

Então, o trabalho produziu em primeiro lugar uma agregação, um clima de empenho, de responsabilidade pessoal, porque a Escola de Comunidade é, em primeiro lugar, uma responsabilidade pessoal. Neste período, o aspecto mais evidente foi que não é possível avançar apenas ouvindo, mas a minha pessoa entra em jogo, a minha responsabilidade joga-se no confronto com um texto denso que nos é proposto e que traz uma experiência.

Outro testemunho diz: «Nestes últimos anos, eu fui mais vezes à Escola de Comunidade sem ter lido o texto do que tendo-o lido [confissão franca, quantos de nós deveríamos fazê-la! Mas pelo menos aqui ele se confessa!]. Então decidi levar a sério as indicações do Movimento (não só o que eu entendi de Cristo) com todo o meu coração, o que não significa apenas meditar diariamente, mas, por exemplo, ler o livro do mês (há pelo menos quinze anos não o fazia!) e ler a *Passos*. Depois das primeiras semanas seguindo tudo o que você nos indicou, percebia que ainda que quisesse do fundo do coração trabalhar a Escola de Comunidade pelo menos cinco/dez minutos, com muita frequência, levado pelas coisas que tinha para fazer, não o conseguia. Por isso, há alguns dias, decidi fazer isso no início do dia, ou melhor, logo depois do café da manhã [o importante é que se faça: depois do café da manhã, depois do descanso; dez minutos no mínimo, é o mínimo obrigatório]. Este trabalho me ajudou, aos poucos estou mudando. Isso não quer dizer que eu não sofra de “vertigens” quando estou diante do Mistério que se fez homem e quer vir ao meu encontro dessa maneira inimaginável... maluca... As palavras do texto da Escola de Comunidade que me marcaram mais são as que estão na página 57: “Jesus, enquanto homem, reconhece e aceita ser Ele

a misericórdia do Pai” [é um exemplo interessante, uma frase para guardar no coração, e na inteligência]. Começar o dia com o desejo de ser “a misericórdia do Pai”. Nestes dias tenho tentado olhar para todos os que encontro com este desejo: poder ser, ou melhor, aceitar ser a misericórdia do Pai. Não que antes eu tratasse mal as pessoas, mas agora sinto os dias menos “cansativos”, não sei explicar melhor, o meu coração está mais feliz». Portanto, é um trabalho que nos leva a estar na realidade, a tratar as pessoas como nos sugere o que dizemos entre nós.

Agora, um terceiro testemunho: «No texto da Escola de Comunidade, no ponto que deu título aos Exercícios da Fraternidade: “*Cristo é a vida da minha vida*. N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com que Ele me pôs” (pp. 82-83), desde a primeira leitura e depois também através do aprofundamento cheio de intensidade do padre Lepori, pensei: “Caramba, seria muito bom se eu vivesse como se Cristo fosse realmente a vida da minha vida, mas não sou capaz!”. Porém, entendi que uma atitude assim me bloqueava, porque era como se relegasse mais uma vez à minha capacidade a possibilidade de Cristo ser tudo para todos. Mas ouvindo as suas apresentações, as palestras dos Exercícios, os amigos contando a experiência deles na Escola de Comunidade, percebi que o fato de Cristo ser a vida da vida não é o resultado de uma capacidade, mas é assim e pronto [é o que chamamos de ontologia, algo que nos precede]; é assim, ou seja, Ele é a vida da minha vida. Quer eu o reconheça ou não, Ele é. E então a vida, as circunstâncias que me são dadas, os fatos mais significativos ou as dificuldades mais duras, as pessoas e as ocasiões que tenho, servem para que eu descubra isto [a realidade serve para descobrirmos isto, é mesmo uma aventura!]: Ele já é a vida da minha vida. É possível entender isso porque, quando uma pessoa vive com Ele e por Ele, tudo tem um gosto e um sabor diferentes [porque Ele está presente] e o que vivo serve para eu me dar conta e me abandonar, não para que eu me torne capaz de modo que Ele se torne vida da minha vida, mas para eu me dar conta de que Ele já é a vida da minha vida, que sem Ele não vou longe. Então, a vida tem uma finalidade diferente, não é um esforço contínuo para ser um cristão melhor, mas uma grande viagem na qual devo passar por tudo o que me é dado para descobrir que Ele é a vida da minha vida, aceitando cada circunstância, e não combatendo-a, como possibilidade e pedido de que Ele se revele».

É um testemunho que responde às dificuldades, que nos leva a fazer um trabalho e que não reduz o Senhor a um produto das nossas mãos, mas O reconhece como algo que descobrimos num encontro e que nos é dado.

Prosperi

Isso é muito bonito, mas o primeiro testemunho que você leu também o é, porque é claro: é difícil porque não é possuído ainda, mas a beleza está justamente aí!

O tema do primeiro bloco de perguntas é a felicidade.

«Na página 77 está escrito: “O homem só reconhece realmente o que Deus é se em tudo o que faz pede a Deus para ser, e se cada ação sua é pedido a Deus para ser, é pedido de felicidade”. Em nome da felicidade, vi amigos muito queridos deixarem mulher e filhos dizendo que finalmente estavam felizes, apesar de deixar para trás pessoas derrubadas. Eu desejo ser feliz mais do que qualquer outra coisa. No entanto, neste meu desejo, que às vezes se transforma em pretensão, há alguma coisa que não se encaixa. É um sonho juvenil? Como a dureza da vida pode não eliminar este desejo e como é possível vivê-lo plenamente? No exemplo dos amigos que largam as suas famílias tentando ser felizes, o mundo aprova, os moralistas condenam, os demais ficam indiferentes tentando aumentar a espessura da couraça que os separa da vida verdadeira. No que Dom Giussani diz, intuo algo mais profundo do que o nível com que enfrentamos estas coisas, mesmo entre adultos, mas não sei desenvolvê-lo, não sei apreendê-lo. Peço uma ajuda sobre isto».

Dom Filippo

Há um ponto de partida firme como uma rocha: com certeza a vida é feita para a felicidade. Não devemos recuar nisto: estamos aqui por uma felicidade, pelo pressentimento de uma felicidade, de

uma plenitude. Jesus – disse uma vez Dom Gius – precisa, como de pão, que as pessoas que O seguem tenham gosto pela vida (cf. L. Giussani, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 140). Somos movidos por isso. O caminho para a felicidade nesta vida são as circunstâncias e, acima de tudo, as pessoas, logo, também a atração por uma mulher que não é sua esposa; ela é um dom que Deus lhe dá para que você O reconheça. E é aqui que está o âmago da questão, porque é preciso um juízo: se aquela atração que parece irresistível é seguida na sua pretensão, lança você numa perspectiva sem limite, aproxima-o do seu destino? Está de acordo com o desígnio do Mistério? Esta é a postura da resposta que eu explico dando um testemunho. Disseram-me para contar mais sobre isto, e eu sinto-me à vontade para o fazer.

Fui para o Brasil, enviado por Dom Giussani, e comecei a dar aulas de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No curso de Teologia também há leigos e leigas, e entre as leigas, havia uma que se interessava pelo que eu dizia, pela novidade; apesar de ser seguidora da teologia da libertação, ficou tocada, e então, veio me procurar na paróquia, começou a me seguir e até a frequentar o Movimento. Depois, me fez um convite: «Vamos fazer uma caminhada na orla de Copacabana», E eu pensei: «Caramba!».

Prosperi

Uma brasileira?

Dom Filippo

Sim. E era muito bonita, por isso não passava despercebida, era casada, com filhos. Eu disse a ela: «Venha ao Movimento», tentando fazê-la conhecer outras pessoas. Ela foi, mas o seu objetivo era um pouco diferente. Então, neste caso, qual é a atração? A verdadeira atração é a que tem a ver com o seu destino. Se não tem a ver com o seu destino, se não tem a ver com a plenitude da sua vida, se não tem a ver com a história em que o Senhor a colocou e que constrói a sua vida – a história com o seu marido, com os seus filhos, o seu trabalho –, então, não é uma atração verdadeira. A atração verdadeira é quando uma coisa é a relação mais simples e mais viva com o destino. Para você e também para a outra pessoa. A minha jogada foi dizer-lhe: «O que eu posso fazer é ajudá-la a ser feliz na condição em que o Senhor a colocou, convidando-a a não se desviar para outro caminho, ou seja, posso ajudá-la a viver a circunstância que aproxima você do destino, que aproxima você de Cristo, Cristo feito homem e que te alcançou». Repeti a mesma coisa para outras pessoas que vieram falar comigo: «Se Deus pôs você num caminho bem preciso, se lhe deu mulher e filhos, se quis que você partilhasse o seu ser pai, abandonar o caminho nunca é caminho para a felicidade». «Ah, mas é um sacrifício!». Tudo bem, mas trata-se de aderir ao juízo, senão a atração – que em si até é boa –, sem um juízo sobre o que definitivamente conta, é uma perspectiva cega, não ajuda a chegar à felicidade. Portanto, ajudemo-nos a seguir o caminho verdadeiro, o caminho para a plenitude. Porque o que me aconteceu depois foi que mesmo no sacrifício (porque também é exigido um sacrifício em tudo isto), havia a certeza que abre um horizonte mais verdadeiro, uma relação mais verdadeira. E assim, também o caminho daquela pessoa se tornou mais sereno, graças a Deus; não decerto por mérito meu, eu tentei apenas fazer o possível.

Conto ainda outra coisa, que também aconteceu em Copacabana. Enquanto missionário, eu tinha a incumbência de visitar uma favela da periferia; depois o cardeal, como eu tinha de dar aulas de Teologia, enviou-me para uma paróquia de Copacabana para aprender português e o pároco quis que ficássemos lá, tanto eu como o padre Giuliano, de Rimini. Assim, começamos a trabalhar e a encontrar pessoas. De manhã, eu tinha aulas e à noite celebrava a Missa. Normalmente, havia algumas senhoras de cabelos grisalhos, alguns dos nossos jovens e algumas pessoas da comunidade. Uma noite, entrou uma senhora bonita, com uma roupa decotada (uma bela mulher, em suma!) e eu pensei: «Jesus, o que aconteceu?». Fiz a homilia, expliquei o Evangelho. Para surpresa minha, depois da Missa essa senhora se aproximou e me disse: «Padre, fiquei tocada com o que o senhor disse sobre a gratidão. Estou saindo de uma doença e vim à igreja para agradecer ao Senhor. O que devo fazer para responder a este dom e seguir melhor o Senhor? Devo fazer uma oferta?». «Não,

não senhora, não deve fazer uma oferta. Na próxima quinta-feira, venha ao encontro de Escola de Comunidade de um grupo de amigos meus». Ela – tocada também por aquilo que eu lhe disse – começou a vir ao encontro de Escola de Comunidade! Normalmente, também vinha com roupas decotadas, por isso todos os homens presentes ficavam animados. Era uma atriz de novela, a novela das oito – no Brasil há a novela das cinco, das sete e das oito –, aquela imperdível, que todos seguem religiosamente! Ela veio e começou a se interessar, começou a participar. Chama-se Monique. Eu e o padre Giuliano começamos a acompanhá-la e ela começou a nos falar da sua vida afetiva confusa. Depois, disse: «Mas a amizade de vocês é mais bonita do que as minhas confusões! É mais bonita porque quando estamos juntos é uma festa, há cantos, há isto, há aquilo, é outra coisa!». Então, ela reviu a sua vida, reajustou-se na sua experiência afetiva, voltou a comungar, justamente por uma felicidade maior, pela experiência de uma beleza maior. Depois – vejam o Mistério! – a doença voltou, uma leucemia, e o Senhor a chamou; e todos os atores da TV Globo vieram, e nós os conhecemos. Ela foi o meio de encontro para muitos dos seus amigos daquele mundo, os mais estranhos e os melhores: Milton Nascimento e outros, pessoas que vieram e se aproximaram. Ela se tornou instrumento de encontro e depois o Senhor a chamou. Porém o título que demos a Monique, foi o que descobrimos com Leopardi: *Cara beltà*, cara beleza! A cara beleza é a proximidade do destino, mesmo no sacrifício, porque não foi fácil – nem para mim, no primeiro caso, nem para ela, no segundo caso – fazer a coisa certa. Com efeito, é necessária a experiência de uma beleza mais intensa, mais viva, maior. O sacrifício é o caminho para o destino, porque o sacrifício nos faz amar a outra pessoa como Cristo a ama, porque a felicidade dela é o encontro com o Senhor, é estar no Seu caminho, é estar no Seu abraço. Cara Beleza.

Este é o caminho da felicidade, é o caminho em que respondemos ao Senhor. E depois, em muitas relações vemos a gratidão, porque fomos sinal do Senhor por causa de um amor maior do qual nascem as vocações à virgindade, ao casamento, a vocação a responder, ao sacramento, nasce a fidelidade ao sacramento, a fidelidade ao Padre, o amor ao Senhor tal como o aprendemos. Porque esta é, no seu âmago, a virgindade cristã: o amor ao destino, o amor ao destino sem posse. Não há mais ninguém que fale assim, a não ser Dom Giussani. Quando Giussani fala do sacrifício, elimina qualquer sombra de moralismo, porque é por uma paixão maior, por um ímpeto maior. Então, o caminho da felicidade é o caminho que nós fazemos; evidentemente não o fazemos sozinhos, não sozinhos.

Recebi outra mensagem de uma amiga espanhola que diz: «Caríssimo padre Filippo, como o senhor disse na homilia pelo aniversário de falecimento de Enzo Piccinini [estive em Modena, lá perto, em Nonantola, celebri Missa pelos 23 anos do *dies natalis* do Enzo], neste caminho não podemos estar sozinhos [não estamos sozinhos porque o nosso caminho começou de uma relação]. Padre Lepori também enfatizou nos Exercícios que, depois do encontro, Marta fez um caminho dentro de uma companhia e, assim, com o passar do tempo, dia após dia, de uma geração a outra, chegou até você. E chegou até mim e me faz agradecer por sua perseverança de cinquenta anos de sacerdócio». Este ano celebri cinquenta anos de sacerdócio, portanto de serviço honrado à Igreja de Deus, e disse na Missa por Enzo: «Celebri os cinquenta anos e, muitas vezes, se diz: “Como é bonito o dia da ordenação!”, e eu digo: “Claro que é bonito, mas cinquenta anos depois é ainda mais bonito!”», porque percorri um caminho, porque a vida é um caminho, não é a alegria de um momento, é a alegria que se torna maior, é a alegria de um caminho no sacrifício, na obediência às circunstâncias; a circunstância lhe fala e você abraça a circunstância, mas porque você não está sozinho; o meu sacerdócio coincidiu com o encontro com Dom Giussani e, logo, com uma história; não estamos sozinhos no caminho. Minha amiga continua: «Mas por que é que não podemos ficar sozinhos? Porque não nos fazemos sozinhos, não fomos feitos por nós. Santo Irineu de Lyon disse que a história de cada homem é o tempo de que Deus precisa para levar a sua criatura à realização. Somos feitos. “Eu-sou-Tu-que-me-fazes” repete Carras como eco de Dom Gius. Nós não sabemos como chegar à realização, não conhecemos esse desígnio. Nestas últimas semanas fiquei muito impressionada em ver como as pessoas procuram tão pouco o Senhor para as suas vidas, como se Jesus nos dissesse: “Mas é só isto o que me pede? Acha que ficará bem com isto? Eu vim lhe dar a

Mim, para lhe dar a minha presença, para lhe dar tudo: a vida, o tudo, como o Pai os dá a mim, e você só me pede estas ninharias?”». Trata-se de pedir a Sua Presença, porque somos feitos d’Ele. Esta amiga tinha acabado de ler as cartas de Nicodemos, e conclui dizendo: «Um dia, quando chegarmos ao Paraíso [ela tem uma doença grave] teremos o rosto de cruz e ressurreição que relembramos no dia 6 de junho, no primeiro aniversário do nascimento para o céu do nosso amigo Zatto, de Rimini, que em apenas dez meses de doença nos deu um testemunho de santidade. Estamos rodeados de santos, só é preciso o nosso pequeno, mas insubstituível “sim” a tanta grandeza».

Prosperi

Obrigado, também porque muitas perguntas abordavam justamente este ponto: «Como eu faço para reconhecer as exigências fundamentais do coração?». O que Dom Filippo nos contou com a sua experiência exemplifica bem o como. Porque as exigências do coração são indestrutíveis (foi o que aprendemos a reconhecer fazendo Escola de Comunidade) e, portanto, não são manipuláveis; mas nós podemos nos confundir, identificando-as com emoções das quais, depois, vamos atrás. É o juízo que torna a exigência do coração consciência de si e, por isso, nos faz ver a realidade por aquilo que ela é, porque a exigência do coração implica a consciência do destino – como você dizia, Filippo –. Esta é a maior ajuda para reconhecer o que essas exigências dizem verdadeiramente: a consciência do destino. O que está em jogo é o destino, não o que nós sentimos, não apenas o que nos parece mais verdadeiro, o que nos parece corresponder mais. Às vezes, a consciência do destino pede uma coisa que, de imediato, pode parecer que não corresponde, e implica o que você chamou de «sacrifício», ou seja, a afirmação de um bem maior, o reconhecimento de um bem maior.

Dom Filippo

Sim, a grande vitória foi que, quando a Monique vinha nos encontrar, dizia: «Esta convivência é maior do que todos os espaços que eu podia ter antes», ou seja, é outra coisa, há um lugar, há uma experiência.

Prosperi

Um segundo grupo de perguntas é descrito por esta contribuição: «Olhando para a minha experiência, reconheço com certeza que a minha vida, e a vida de muitos amigos à minha volta, foi marcada e plasmada pelo encontro com uma determinada realidade humana, uma história excepcional e misteriosa, uma realidade humana “em que está presente o mistério de Cristo” (p. 81). Queria perguntar, então: o que significa “tomar consciência [...] do encontro que fizemos” (p. 82), para que a minha experiência de pressentimento do Mistério se torne a familiaridade com Cristo e a afeição à pessoa de Cristo que leva Giussani a dizer: “temos de dizer ‘Tu, ó Cristo’ ao homem Jesus de Nazaré” (p. 84), até “entender como é que Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida [...] a vida da minha vida”? (p. 82)».

Dom Filippo

Como tomar consciência do encontro que fizemos? O primeiro passo é a simplicidade de olhar para a nossa história. No texto, nas páginas 81-82, Dom Giussani diz: «Temos de tomar consciência do acontecimento *como* nos aconteceu, do encontro que fizemos», tomar consciência de como aconteceu no encontro que fizemos, tomar consciência da nossa história. E depois, diz: foi assim para mim, fui como que «**encaixado** numa companhia que tornava e torna imediato para mim o mistério da Igreja; portanto é um emergir do Corpo de Cristo [encaixado: sem o encontro daquela Missa naquela noite, Monique teria seguido por outra via, encontrou uma via que nunca tinha imaginado, porém o encontro aconteceu]. É a companhia “vocacional”, quer dizer, a companhia que nos envolve consigo, na medida em que gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma nos tocou». Depois, Giussani cita Santo Agostinho: «*In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta*», os Evangelhos que podemos ler e as pessoas que podemos encontrar e seguir.

«Para cada um de nós há um fato que teve um significado, uma presença que influenciou toda a sua vida: iluminou o jeito de conceber, de sentir [...] Isto se chama acontecimento». E isto acontece, não aconteceu só em Copacabana, aconteceu quando, depois, fui para Petrópolis, quando voltei para Taranto, acontece no presente nos encontros de todos os tipos como Bispo em Taranto.

Além disso, é preciso uma familiaridade com a história que vivemos, não devemos dá-la por óbvia. É preciso uma familiaridade, uma familiaridade que é preferida, uma preferência que é privilegiada. E é mesmo assim. Tomar consciência do acontecimento, ou seja, uma familiaridade que nos provoca, e tudo da nossa vida é uma grande oportunidade para tomarmos consciência do que nos aconteceu, do dom que nos aconteceu.

Como acontece? Como nos aconteceu e como acontece hoje recolocando-nos no caminho certo, no caminho que o Senhor nos indica, porque temos todos os elementos para fazer esta experiência. Vamos em frente.

Prosperi

Outra pergunta é esta:

«No capítulo “Cristo tudo em todos”, nos pontos 5 e 6, impressionou-me muito que Dom Giussani, quer para descrever a relação de Jesus com o Pai, quer para descrever a nossa relação com Jesus e com os outros, usa em diversos momentos os verbos “reconhecer” e “aceitar”, referindo-se à reciprocidade inerente à amizade. Muitos dos relacionamentos que vivo todos os dias nem sempre contêm a dinâmica do reconhecimento e da aceitação recíproca e, assim, muitas vezes se esvaziam e se tornam formais.

O que significa exatamente amar o destino e que há amizade quando eu amo o destino do outro e o outro reconhece e aceita isso? E se o outro não reconhece que desejo o seu destino e não o aceita, quer dizer que não há amizade? Mas isto não é fechar as portas à Misericórdia na dinâmica da amizade?».

Dom Filippo

Na página 80, ainda sobre a amizade, o texto diz: «Toda relação humana, de fato, ou é amizade ou é defectiva, deficiente, mentirosa». Mas não será exagerado dizer que, se não é amizade, é mentirosa? Há uma gradação: qualquer relação humana primeiro é incompleta, depois é deficiente, falta-lhe algo. Mas, aqui, Dom Giussani explica bem; ainda na página 80, falando da reciprocidade, diz: «Aceitar e acolher esse dom torna recíproco o amor que quem deu possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que nós demonstramos a quem nos deu o dom. [...] a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, pois para um ser criado, como o homem, a suprema forma do amor a Deus é aceitar ser feito por Ele, aceitar ser, aceitar o ser que não é próprio: é dado».

Aqui há um aspeto grandioso da amizade: Ele nos aceita tal como somos, somos nós os primeiros a sermos aceitos assim como somos, Ele me diz «amigo» assim como sou. Mas pensem (é uma coisa que sempre me comoveu!): Jesus diz «Amigo» a Judas que está para o trair, então, tendencialmente Jesus ama todos, até aquele que está prestes a condená-lo. Claro, ali não há resposta, não há reciprocidade, mas é a falta de resposta ao dom. Depois há a relação com outro coitado que é São Pedro, que o traiu, e quando Jesus lhe diz: «Simão, filho de João, tu me amas?» (pergunta-lhe três vezes), Pedro responde: «Senhor, tu sabes que te amo» (Jo 21,15-17). Esta é a amizade, é a reciprocidade no «sim». Entendem? Um deles vai traí-lo e Ele o chama de «amigo», e depois diz: «Eu vos chamo amigos, já não vos chamo servos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando» (cf. Jo 15,14-15). Portanto – atenção! – fazer o que o Senhor nos diz não é moralismo, é moralidade.

Muitas vezes dizemos: «Não, se devo fazer uma coisa que não “sinto” é moralismo». Mas somos como os jovencinhos da Missa que dizem: «Não vou à Missa aos domingos porque não “sinto”»? Isto é compreensível num adolescente, num rapazinho, mas se você, sendo adulto, diz: «Não, isso é um sacrifício; não, porque eu devo “sentir”»... O que você precisa sentir? Pelo contrário, percebem a grandeza? É a oferta da amizade de Cristo que nos é dada naquele momento no gesto sacramental

supremo da Páscoa do Senhor. Então é preciso um corpo, uma comunidade que nos recorde a Páscoa do Senhor, e ela corresponde ao nosso coração. O coração é feito para encontrar uma resposta correspondente, por isso é assim, é a grandeza da resposta que torna a relação completa. O amor, o amor que se realiza na reciprocidade é aceitar ser feito, aceitar ser, aceitar o ser que não é próprio, é dado.

Portanto, a experiência da amizade é a plenitude da relação afetiva. Depois, o Senhor continua (Jo 15,12-17): «Já não vos chamo servos, eu vos chamo amigos», e diz: «Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos. Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi», e é isto que eu lembro a todos os amigos que passam por uma dificuldade de vocação: «Você foi escolhido», e há uma invasão de uma ternura e de um grande amor. Basta.

Prosperi

A última pergunta: «No texto da Escola de Comunidade lemos: “Daqui vem a obediência que salva a ordem na sociedade. Mas quem salva a ordem na sociedade é a autoridade: ‘Cada um se submeta às autoridades constituídas, pois não existe autoridade que não venha de Deus e as autoridades que existem foram estabelecidas por Deus. [...] Não há razão para temer os governantes, quando se pratica o bem’; ‘Subordinai-vos a toda autoridade humana por amor ao Senhor’” (p. 66). Entendo que Deus é a origem última da autoridade, e não a própria autoridade. Entendo que Deus não manda o mal ao homem, mas permite-o; entendo que através do mal se revela a misericórdia do Mistério. Mas, enquanto professor de história que amanhã terá de falar do regime nacional-socialista e do estalinismo, como posso explicar todo o mal que eles, objetivamente, trouxeram ao homem, e ao mesmo tempo afirmar que devemos nos submeter às instituições humanas porque “não existe autoridade que não venha de Deus”? Ou, ainda mais atual, como se pode afirmar que Putin, na Ucrânia, deve ser seguido, como instituição de governo, “por amor ao Senhor”?»

Dom Filippo

Esta pergunta remete-nos à atualidade porque, justamente, a Escola de Comunidade não é uma meditação sobre as nuvens, mas sobre o cotidiano, incluindo a guerra. Olhemos para a forma como o Papa reage nesta situação, olhemos para o que ele está fazendo nestes dias: convida-nos a nos submetermos às instituições humanas? Não. Aos juízos das autoridades? Não. Ele está julgando as autoridades humanas, julga-as em todas as suas falas. Está rezando e está nos convidando a rezar para que as autoridades humanas se dobrem à vontade de Deus, que quer a paz. Deus quer que o homem seja feliz, e por isso quer que os povos estejam em paz. Portanto, não é um seguir... se você precisa falar do nazismo e do comunismo, deve dar um juízo, como o Papa está dando sobre a guerra na Ucrânia: sem meias-palavras, e quanto mais o tempo passa, mais forte é a sua voz. É importante que, no meio da situação, nós mantenhamos este juízo: não um «nem com a Ucrânia nem com Putin», mas uma posição como a do Papa, que é a da prioridade da paz sobre todo o resto. E depois, dentro disto, a urgência da negociação, a urgência de todos os caminhos, e assim o Papa, quando é possível, diz: «Vou a Kiev», quando não é possível diz: «Não vou mais»; se depois se abre uma saída, ele vai, ou seja, está dentro da realidade.

Na história, não somos poupados do drama de escolher: temos de escolher, temos de nos colocar, assim como devemos nos colocar sobre as eleições. Nós teremos eleições municipais em Taranto; todos os partidos (quase todos, em suma!) vieram até o Bispo, e eles foram: o que vocês querem fazer? Um deles disse: «Preocupo-me com o bem comum, a vida acima de tudo, a saúde acima de tudo. Chega de poluição, é preciso mudar de rumo. E depois salvamos o emprego. Além disso, chega do exagero do Auxílio Desemprego», etc. Não vou agora, fazer um comício também eu, senão... Mas a pessoa intervém na realidade, não fica olhando; não fica olhando, mas intervém, intervém com um juízo sobre o que torna possível o bem da pessoa e o bem da sociedade. Eu disse: «Algum de vocês se preocupa com estes milhares e milhares de jovens que estão deixando o Sul para irem para o Norte, para a Europa e outros lugares? Por que vocês não criam Institutos

superiores de formação profissional [ITS] sérios?», etc. Em suma, entramos na realidade partindo de um juízo, dado pelo Santo Padre, e que nós aprendemos na nossa companhia, na nossa amizade.

Prosperi

Se você me permite, eu acrescentaria uma pequeníssima observação. A constatação de Giussani tem a ver com a estrutura humana de cada um de nós. Porque uma coisa é conceber-se como autoridade de si mesmo, outra coisa é conceber-se como dependentes de Deus e, portanto, também das circunstâncias em que Deus nos coloca. Pelo que, em qualquer circunstância, respeitando qualquer circunstância, nós podemos viver a fundo – como disse Dom Filippo – a realidade que nos é dada, onde o critério de juízo não é ditado necessariamente por aquilo que diz o chefe, mas pela correspondência entre a circunstância que é dada e o meu coração, ou seja, o destino. Cada um de nós tem a possibilidade de reconhecer no caminho da vida que, seguindo alguém, é ajudado a ir cada vez mais ao fundo de si mesmo. Porque eu acho que a questão não está em se a autoridade é boa ou má; todos entendemos isso quando ouvimos falar de Stalin. O problema não é tanto este, o problema é nos reconhecermos dependentes ou nos concebermos sozinhos.

A última pergunta que surgiu da leitura do texto da Escola de Comunidade tem a ver com o tema da misericórdia: «O que significa que o Mistério como misericórdia continua a ser a última palavra sobre a doença dos meus pais ou sobre a guerra?».

Dom Filippo

Bem, encerramos com esta pergunta sobre a misericórdia. A misericórdia é a última palavra, disse Dom Giussani no encontro de 1998 dos movimentos com João Paulo II. Aqui tocamos o coração do mistério da realidade. No mistério da realidade há esta misericórdia dentro, no fundo. Para responder à pergunta quero voltar a um fato que Dom Gius contou muitas vezes, que é o episódio da experiência daquela mãe que encontra Dom Giussani no confessionário e lhe diz: «Há dois anos morreu-me o marido. Tinha dois filhos. Um enlouqueceu com a morte do pai e, transtornado, matou o irmão [imaginem que drama!]. Agora está no manicômio da prisão de Bolonha. Assim, de repente, fiquei sozinha». A igreja estava sem adornos e vazia, mas havia um grande crucifixo atrás do altar; e Giussani, após um momento de silêncio (porque, o que se pode dizer diante de uma situação como esta?), lhe disse: «“Ouça, [...] agora levante-se, sente-se ali à frente e olhe para aquele crucifixo: se tiver alguma coisa a dizer, diga-lho”. A senhora não se vai embora, e ele [...] a uma certa altura, ouve-a dizer-lhe: “Tem razão”.» (L. Giussani apud A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, pp. 146-147). Aí está: o nome da misericórdia é uma presença, que introduz uma brecha de luz nova numa escuridão profunda, e é a presença da cruz e da ressurreição de Cristo. Mas pensem nos amigos que perdemos por causa da Covid! De quantos tive de me despedir sem nem sequer celebrar Missa, recebendo o carro fúnebre à porta da igreja entre o pranto da mulher, dos filhos, dos amigos! Um verdadeiro tormento! E nessa circunstância entregamo-nos ao mistério da realidade. «Quem nos separará do amor de Cristo?». Isto está expresso naquele pranto, e o coração está ali. Percebem? Se não existisse o Senhor, seria um vazio total.

Mas depois veio-me à cabeça outro exemplo mais leve, incluído na biografia do padre Pio. O padre Pio dá o exemplo de uma mulher, uma mãe que tece uma tapeçaria no tear, a criança está a seus pés, pergunta-lhe o porquê de tanto trabalho por uma coisa tão feia [porque a criança, de baixo, só vê os fios emaranhados]. A criança só via um emaranhado de fios, a urdidura e a trama, que era uma grande confusão. Depois, a mãe pega a criança nos braços, mostra-lhe o trabalho de cima, do lado direito e não do avesso como a criança o via, já não ao contrário e tudo emaranhado, e eis que a trama se une num todo para formar um trabalho fantástico. Cristo confiou-se ao Pai e também nós nos confiamos a Ele e estamos com Ele. Percebem? Nós somos como aquela criança que vê um emaranhado, mas alguém nos toma nos braços (como faz a mãe) e segura-nos, e faz-nos saudar também os amigos que nos deixam com o coração sofredor, mas não sem esperança; ou seja, somos segurados e abraçados. E assim como acontece conosco, também acontece com nossos amigos

cristãos da Nigéria: é uma dor e um sofrimento enormes! É a mesma coisa, a mesma coisa. A imprensa não falou disso, só falou no primeiro dia e depois ignorou, mas é assim. Muitas vezes nós vemos a urdidura e a trama emaranhada: «Mas como? O que aconteceu? Não entendemos nada», etc.; e depois confiamos-nos ao Senhor, à sua presença histórica, ao caminho que fazemos na vida da Igreja, do carisma, onde Cristo se fez presente. E por isso o Mistério, a ontologia, nos sustenta e nos salva.

Queria terminar lendo outro texto de Dom Gius, que fala da razão de tudo o que fez: *Para lá do mundo dos sonhos*, um texto de 1991 sobre por que razão nasceu toda a obra que fez; explica-o assim aos jovens: «O começo de tudo o que veio depois a nascer [...] partiu do meu desejo de que as pessoas compreendessem [...] aquilo para que está feito o seu coração; que as pessoas entendam um pouco melhor o Destino para que foram criadas [a surpresa da manhã é saber que me levanto para um destino bom]; que se apercebam [...] de que a vida é uma tarefa». Não nos fizemos a nós mesmos, a ontologia: não nos fizemos a nós mesmos. «Não nos fizemos a nós mesmos. [...] As exigências que emergem do âmago da nossa personalidade, não fomos nós próprios que as construímos. [...] Pretender alcançar a felicidade já nesta vida – diz Dom Giussani – é um sonho. Viver a vida caminhando para a felicidade é um ideal. [...] O ideal, pelo contrário, aponta uma direção que não somos nós que estabelecemos [o coração segue o que lhe corresponde, a correspondência é com o destino]. [...] Se seguirmos esse rumo [dissemos isto hoje: no sacrifício, com dificuldade] mesmo indo contracorrente [...], o ideal, com o passar do tempo, torna-se realidade. Realiza-se de uma maneira diferente daquela que imaginamos, sempre diferente e cada vez mais verdadeiro. [que coisa grande! Aos cinquenta anos não é como aos vinte e quatro, e então...]. [...] A felicidade plena não é uma realidade que se manifeste no presente. É a grande promessa do futuro, é o Destino. Todavia, chama-se felicidade à experiência da realidade enquanto está em consonância e feita para o destino, enquanto feita para ele, enquanto nos faz tender para ele [...]. Este destino tem um nome na história: Jesus Cristo. Por isso, a vocação consiste em abraçar todas as circunstâncias para obedecer, aderir a Cristo e realizar o que Ele quer de ti» (L. Giussani, «Para lá do muro dos sonhos», em *Realidade e juventude. O desafio*, DIEL, Lisboa, 2003, pp. 59-71).

Em suma, estamos num caminho – juntos, não sozinhos – que nos leva à plenitude, porque Ele veio ao nosso encontro: Deus tudo em tudo (como nos foi dito) através de Jesus Cristo, que é tudo em todos.

Obrigado a todos vocês.

Properi

Obrigado, Dom Filippo.

Avisos:

Trabalho de Escola de Comunidade. Como já referido nos Exercícios da Fraternidade, neste verão, até setembro, iremos trabalhar sobre o texto dos Exercícios: «*Cristo, vida da vida*». O livrinho com as reflexões propostas por Padre Mauro-Giuseppe Lepori e a Assembleia pode ser encontrado no site de CL em formato PDF e ePUB.

No trabalho sobre os Exercícios, continuaremos a ter presente o texto *Dar a vida pela obra de Outro* sobre o qual trabalhamos este ano.

No mês de setembro, daremos novas indicações sobre o trabalho de Escola de Comunidade para os meses seguintes e sobre outros eventuais momentos de encontros virtuais.

Exposição Centenário de Dom Giussani. A exposição digital realizada por ocasião do Centenário do nascimento de Dom Giussani, apresentada nos Exercícios da Fraternidade, estará disponível em breve.

Convido todos a visitá-la, dando-se tempo para apreciar a riqueza das numerosas contribuições em áudio e vídeo que contém. Deixemo-nos tocar por essas contribuições, partindo do pedido sincero de podermos descobrir melhor, nós em primeiro lugar, quem é Dom Giussani. Ao visitá-la, sejamos livres e criativos em pensar em formas de propô-la aos nossos amigos, familiares, colegas, seja difundindo pessoalmente o link da exposição, seja organizando momentos de encontro nos quais se possa introduzir o conteúdo da mesma.

Férias comunitárias. Como sabemos, este verão será finalmente possível propor as férias comunitárias com maior liberdade, dado o afrouxamento das medidas anticovid. Falando com os outros amigos responsáveis sobre o que seria mais importante aprofundar nos momentos de convivência que partilharemos nestes meses, pensamos em propor a todos um “título” que possa servir de orientação para as propostas que iremos fazer durante as várias férias: «*O Mestre está aí e te chama*» (Jo 11,28). A frase lembra-nos a provocação que Padre Mauro nos lançou nos Exercícios da Fraternidade sobre o percurso de Marta e sugere que também as férias possam ser a verificação do «assumir em primeira pessoa a responsabilidade pelo carisma» a que fomos todos chamados pela Igreja.

Agradecemos mais uma vez a Dom Filippo por sua disponibilidade e pela ajuda preciosa que nos deu nestes meses no trabalho de Escola de Comunidade. Obrigado!

Dom Filippo

Obrigado, obrigado! Preparar o trabalho é um grande trabalho a mais, que é útil em primeiro lugar para mim, por isso estou contente com esta tarefa que me foi dada.
Recitemos nossa jaculatória para viver bem este momento, um *Glória*.

Glória
Veni, Sancte Spiritus

Obrigado e boa noite.

Prosperi

E bom verão!

Dom Filippo

Bom verão.*

**Na Europa começa o verão e é tempo de férias escolares.*